



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Etnografia nos estudos das infâncias: contribuições ao debate epistemológico, teórico e metodológico

Autoria: Patrícia Simões (FUNDAJ), Douglas Vasconcelos Barbosa Milene Moraes Ferreira

A perspectiva etnográfica vem sendo amplamente utilizada nos estudos das infâncias pelas possibilidades que oferece de aproximação da criança, de suas interações e de suas práticas culturais, seja no campo educacional, na sociologia, geografia ou na antropologia. O presente texto teve como objetivo discutir as contribuições dessa perspectiva ao debate epistemológico, teórico e metodológico. No âmbito da epistemologia, os estudos das infâncias propõem um movimento de ruptura com as abordagens clássicas das ciências das infâncias que partem de visões biologizantes, essencialistas e universais da criança. O campo interdisciplinar dos estudos das infâncias, por outro lado, compreende a infância situada, ou seja, enquanto categoria de análise construída num tempo histórico, num território, numa dada cultura e sociedade. Sendo assim, a etnografia, pela sua sensibilidade às singularidades e diferenças que constituem as infâncias, revela uma coerência com as epistemologias dos estudos das infâncias. Nesse mesmo sentido, o debate teórico nesse campo também encontra na etnografia a possibilidade de compreensão das realidades infantis além das visões adultocêntricas e das orientações normativas da sociedade, numa abordagem em que a criança tem agência e portanto, é um sujeito construtor de culturas, conhecimentos e do seu próprio desenvolvimento. A etnografia privilegia a capacidade da criança de reinterpretar as realidades, produzindo sentidos e significados. Por fim, enquanto metodologia de pesquisa social, a etnografia nos estudos das infâncias sustenta-se na produção de registros das interações sociais que se baseia no princípio da simetria ética com os adultos, de forma que busca ouvir a voz das crianças que foram silenciadas pela cultura



adultocêntrica e se aproximar do olhar da criança sobre o mundo adulto. Sendo assim, a pesquisadora ou o pesquisador participa da pesquisa com a criança, num movimento de aproximação e de construção de conhecimentos. O diálogo proporcionado pela experiência etnográfica na pesquisa das infâncias modifica todos os envolvidos na situação, pesquisadoras, pesquisadores e crianças modificam-se mutuamente, num processo não linear, mas dialético de construção de novos saberes.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: